

GEOPOLÍTICA E FUTEBOL: IDENTIDADE, NACIONALISMO E COMUNITARISMO NA COPA DO MUNDO 2018

Fernando Rossetto Gallego Campos¹

Resumo: A Copa do Mundo é um evento global que dá vazão à expressão de uma série de relações geopolíticas. O objetivo deste artigo é discutir as relações entre geopolítica e futebol a partir eventos da Copa do Mundo de 2018 relacionados com a manifestação de identidades de cunho nacionalista e/ou comunitarista. Os casos discutidos foram agrupados tematicamente em *a luta pela (re)afirmação nacional; (des)construção de comunidades; e o estrangeiro: entre nós e eles*. Conclui-se que, apesar do seu crescente caráter global, o futebol vem sendo utilizado como veículo de manifestações nacionalistas e comunitaristas justamente por manter uma lógica territorial fundamentada nos limites dos Estados-nacionais, mas também por conjugar esta lógica com hibridismos culturais e multiterritorialidades.

Palavras-chave: Geografia. Esporte. Megaeventos. Nação. Estrangeiro.

GEOPOLITICS AND FOOTBALL: IDENTITY, NATIONALISM AND COMMUNITARIANISM IN THE 2018 WORLD CUP

Abstract: The World Cup is a global event that gives vent to the expression of a series of geopolitical relations. This article aims at discussing the relationships between geopolitics and football from events of the 2018 World Cup related to the manifestation of nationalist and/or communitarian identities. The cases discussed were thematically grouped into *the struggle for national (re)affirmation; (de)construction of communities; and the foreign: between us and them*. We conclude that, despite its growing global character, football has been used as a vehicle for nationalist and communitarian manifestations precisely because it maintains a territorial logic based on the limits of nation-states, but also because it combines this logic with cultural hybridisms and multi-territorialities.

Keywords: Geography. Sport. Mega-events. Nation. Foreigner.

GEOPOLÍTICA Y FÚTBOL: IDENTIDAD, NACIONALISMO Y COMUNITARISMO EN LA COPA DEL MUNDO 2018

Resumen: La Copa del Mundo es un acontecimiento mundial que da rienda suelta a la expresión de una serie de relaciones geopolíticas. El objetivo de este artículo es discutir las relaciones entre la geopolítica y el fútbol a partir de los acontecimientos del Mundial 2018 relacionados con la manifestación de las identidades nacionalistas y/o comunitarias. Los casos tratados se agruparon temáticamente en *la lucha por la (re)afirmación nacional; la (des)construcción de comunidades; y el extranjero: entre nosotros y ellos*. Concluimos que, a pesar de su creciente carácter global, el fútbol

¹ Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Chapecó, Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão, Chapecó/SC, Brasil; e Universidade Federal da Fronteira Sul Universidade (UFFS), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Chapecó/SC, Brasil, fernando.campos@ifsc.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-7995-395X>.

ha sido utilizado como veículo de manifestaciones nacionalistas y comunitarias precisamente porque mantiene una lógica territorial basada en los límites de los estados-nación, pero también porque combina esta lógica con hibridismos culturales y multiterritorialidades.

Palabras clave: Geografía. Deporte. Megaeventos. Nación. Extranjero.

Introdução

O futebol transcende sua dimensão esportiva, sendo um importante elemento cultural, social e econômico, movimentando, segundo o presidente da Federação Internacional de Futebol (Fifa) Gianni Infantino, uma indústria de 286 bilhões de dólares em 2022 (VALOR, 2022). Além disso, pode ser visto como uma metáfora de disputa pelo espaço (GOMES, 2006). Boniface atribui ao futebol a condição de “fenômeno mais universal da atualidade” (1998, p. 88, tradução nossa)². Já Giulianotti (2002) se refere à globalização do futebol, fenômeno que, em alguns casos, precede a globalização no sentido *lato*. No entanto, mesmo antes deste processo de globalização, o futebol já vinha sendo utilizado como instrumento geopolítico por regimes e líderes políticos (AGOSTINO, 2002), e como forma de expressão de nações e comunidades (FRANCO JÚNIOR, 2007). Tais usos e expressões encontram nas seleções nacionais terreno fértil de manifestação, já que estas criam representações da pátria/nação e podem substituir os Estados como legitimadores de políticas de identificação cultural”³ (ALVARADO; CASTRO, 2022, p. 106, tradução nossa).

Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o futebol como elemento da nova des-ordem mundial⁴, na perspectiva de Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006), já que seus usos geopolíticos (e sua própria geopolítica) acabam conjugando lógicas territoriais de domínio político-econômico e apropriação simbólica. Em termos de alcance e de repercussão, as copas do mundo – como megaeventos globais

² “the most universal phenomenon that exists today” (BONIFACE, 1998, p. 88).

³ “pueden reemplazar a los Estados como legitimadores de políticas de identificación cultural” (ALVARADO; COSTA, 2022, p. 106).

⁴ Os autores utilizam o termo *nova des-ordem mundial* para designar o cenário geopolítico global do século XXI, marcado por simultâneos “avanços e retrocessos, união e fragmentação, ordem e desordem” (HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 9). Tal nova des-ordem mundial promove o embate entre duas formas de territórios: (1) o tradicional território-zonal, pautado na lógica dos Estados-nação e (2) os territórios-rede, que emergem com força na lógica da globalização (HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2006). Além disso, os autores (2006) apontam a importância de se compreender os territórios e relações na nova des-ordem mundial a partir de múltiplas dimensões, tais como econômica, política, ambiental, cultural-identitária e simbólica.

(MASCARENHAS; BIENENSTEIN; SÁNCHEZ, 2011) – são as principais expressões dos usos geopolíticos do futebol. Se, por um lado, reforçam o caráter global desse esporte e celebram uma cultura global (BONIFACE, 2006), por outro, reforçam a organização territorial em Estados-nacionais (POLI, 2006), sendo não apenas palco de “celebração das nações, mas também de sua constante reinvenção” (GUEDES, 2014, p. 58).

É justamente a organização territorial do futebol – sobretudo a lógica de federações, campeonatos e seleções nacionais – que historicamente favoreceu a apropriação da popularidade do esporte por lideranças ou grupos políticos para causas e discursos nacionalistas e/ou patrióticos (AGOSTINO, 2002; CARVALHO, 2012; FRANCO JÚNIOR, 2007; 2017). Desta forma, o futebol passou a ser elemento fundamental na constituição de (supostas) identidades nacionais (GIULIANOTTI, 2002; TOLEDO, 2002; FRANCO JÚNIOR, 2007; 2017; GUEDES, 2014; SCUTTI; WENDT, 2016). A tentativa do estabelecimento de uma identidade nacional através do futebol fica evidente em períodos de Copa do Mundo, quando os sentimentos nacionalista e patriótico são avigorados e acentuados. Entretanto, é preciso considerar que, na nova des-ordem mundial, os eventos ligados à Copa do Mundo estão conectados com questões geopolíticas e de globalização mais amplos e das mais diversas ordens.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é discutir as relações entre geopolítica e futebol, a partir eventos da Copa do Mundo de 2018, relacionados com a manifestação de identidades de cunho nacionalista e/ou comunitarista. Metodologicamente, este estudo tem caráter qualitativo e exploratório, realizando uma pesquisa documental. O *corpus* de análise definido foram notícias veiculadas na época da Copa do Mundo 2018 em portais ou sites especializados e que abordassem aspectos relacionados à identidade, nacionalismo e/ou comunitarismo. O sucesso esportivo das seleções não foi um critério na escolha dos casos analisados – utilizando a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) – os quais foram articulados com a base teórica.

Logo após a introdução, abordamos relações entre futebol, geopolítica e identidade, trazendo elementos teóricos que ajudarão a embasar nossa discussão, dividida em três tópicos temáticos: *A luta pela (re)afirmação nacional*; *(Des)Construção de comunidades*; e *O estrangeiro: entre nós e eles*. Cada destes

tópicos são discutidos, a partir das notícias e articulados ao referencial teórico (aprofundado em cada uma das partes).

Futebol, geopolítica e identidade

Apesar das anteriormente abordadas relações, as discussões acerca do futebol no campo da geopolítica ainda são incipientes. Apesar disso, é possível destacar importantes reflexões sobre geopolítica e futebol, bem como estabelecer diálogo com outros campos das ciências humanas. Primeiramente, podemos destacar o trabalho do pesquisador francês Pascal Boniface, fundador e diretor do *Institut de Relations Internationales et Stratégiques* e que vem se dedicando a este debate há décadas. Em um dos primeiros textos de destaque na área, Boniface chama atenção para as relações entre futebol e geopolítica, afirmando que “atualmente, o futebol é um componente válido das relações internacionais, que não podem mais ser limitadas às relações puramente diplomáticas entre os Estados. Não há nenhum aspecto das relações diplomáticas atuais que não possa ser aplicado também ao futebol” (1998, p. 87, tradução nossa)⁵. O autor destaca também que o futebol não responde passivamente aos eventos geopolíticos e à globalização, sendo “um importante elemento na influência e prestígio de um país”⁶ (BONIFACE, 1998, p. 97, tradução nossa). Neste sentido, o autor é um dos pioneiros na associação do futebol com o *soft power*.⁷

Outro importante autor, que no final do século XX, construiu uma base para a análise do futebol pelas ciências humanas foi o sociólogo escocês Richard Giulianotti. Apesar de propalar o caráter global do futebol em seu *período pós-moderno*, no campo geopolítico, Giulianotti destaca o importante papel do Estado-nacional como “a principal unidade” na “infra-estrutura política do futebol mundial” (2002, p. 48). No entanto, para Giulianotti, “os limites entre o local, o regional, o nacional e o global são correntemente penetrados ou derrubados” (2002, p. 43),

⁵ Nowadays, football is a valid component of international relations which can no longer be limited to pure diplomatic relations between states. There is no aspect of present-day diplomatic relations that cannot be applied to football as well (BONIFACE, 1998, p. 87).

⁶ an importante element in a country's influence and prestige (BONIFACE, 1998, p. 97).

⁷ O termo *soft power* foi cunhado por Joseph Nye (2004) para designar ações de governo (mormente nacionais) para influenciar países e regiões através da cultura e da ideologia. Ele contrapõe o *hard power* (de base militar e econômica), que tende a ter resultados mais imediatos, mas nem sempre desejados (NYE, 2004). Já o *soft power* demora para produzir resultados, pois seus recursos trabalham indiretamente e dependem da aceitação do público receptor (NYE, 2004). Os esportes e os megaeventos têm sido importantes recursos do *soft power* de diversos países nos últimos anos.

sendo, portanto, fundamental realizar uma análise multiescalar e de múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2004). Assim, o autor identifica *nações futebolísticas modernas* – nas quais o futebol é consolidado e possui importante papel na definição de identidades nacionais – mas também alerta que no *período pós-moderno do futebol* – que coincide com o da nova des-ordem mundial (HAESBAERT; PORTO-GOLÇALVES, 2006) – “o novo e predominante sentido da identidade nacional precisa ser reconstruído no ambiente global” (GIULIANOTTI, 2002, p. 48), com destaque para as copas do mundo.

No século XXI, surgiram uma série de estudos sobre as relações entre futebol e geopolítica, destacando uma série de aspectos, tais como a organização do poder institucional do futebol e seus desdobramentos, sobretudo focado na Fifa e nas associações (SCUTTI; WENDT, 2016; ALVARADO; CASTRO, 2022); na geopolítica interna do futebol, considerando disputas e hierarquias entre países/seleções nacionais e clubes (SCUTTI; WENDT, 2016; SOUSA; COSTA; MATTOS JUNIOR, 2021); nas relações (inclusive simbólicas) entre futebol e conflitos internacionais (SCUTTI; WENDT, 2016; SOUSA; COSTA; MATTOS JUNIOR, 2021); na conformação do futebol como elemento de expressão de poder das nações e regimes, como propaganda, discurso, *softpower* (BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016; CASTRO, 2018; CONNELL, 2018; ALVARADO; CASTRO, 2022); e na importância do futebol para a constituição de identidades nacionais (SHOBE, 2008; GIBBONS, 2011; SCUTTI; WENDT, 2016); entre outras temáticas. Apesar de todas estas discussões serem importantes, nos concentraremos nas relações entre futebol, geopolítica e constituição de identidades – que é o foco deste artigo – e, mais especificamente, daquelas relacionadas a manifestações nacionalistas (ou que se operam na escala nacional) e comunitaristas (de identificação de grupos, geralmente, em escala local).

Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006) apontam para o papel ambivalente dos Estados-nacionais na geopolítica atual, já que estes apresentam indícios de enfraquecimento perante à economia neoliberal globalizante, mas também demonstram formas de redefinição de funções no contexto das novas tecnologias. É justamente devido a estas inovações da comunicação e informação que a Copa do Mundo se transfigura como megaevento espetacularizado (MASCARENHAS; BIENENSTEIN; SÁNCHEZ, 2011).

Se muitos torcedores enxergam a Copa do Mundo como uma grande festa global (POLI, 2006), em que o estar junto, o hedonismo e a comunhão do amor (MAFFESOLI, 2004) pelo futebol são os principais valores, outros veem na competição uma oportunidade de manifestar valores nacionalistas (SCUTTI; WENDT, 2016). O estabelecimento do nacionalismo esportivo não é nocivo *a priori*, mas pode ser problemático dependendo do uso político que é feito dele (TAMBURRINI, 2001).

Para Bauman (2016, p. 216), o Estado-nação foi o “‘único caso de sucesso’ da comunidade nos tempos modernos” – ao qual atribui um caráter insular, sendo que aquilo/aqueles que estão fora dela são avaliados como irrelevantes e hostis – por se construir no discurso da naturalidade de unidade étnica. O nacionalismo é, portanto, uma manifestação de intolerância a diferenças e uma resistência à autodeterminação no processo de identificação, já que se trata de uma identidade pronta, inquestionável, natural, à qual se deve lealdade.

A identidade nacional, tanto base quanto expressão do nacionalismo, tem passado por um processo de redefinição na pós-modernidade. Hall constata o afrouxamento da identidade nacional – que é acima de tudo um discurso – e o fortalecimento de “lealdade culturais, ‘acima’ e ‘abaixo’ do nível do estado-nação” (2005, p. 73). Outros autores pós-modernos, como Maffesoli (2004), chegam a anunciar o solapamento da identidade nacional por estruturas identitárias tribais e globais (das massas). Mesmo assim, é possível perceber no futebol a persistência da centralidade da escala nacional – apesar do crescente fortalecimento do clubismo (DAMO, 2014), como destacam alguns autores. Para Giulianotti e Robertson (2012), esta escala de análise do futebol global está relacionada com práticas que apontam como *neomercantilistas*, ligadas ao empoderamento de instituições nacionais, tais como as federações e seleções. Drumond destaca a capacidade do futebol carregar “grande capital simbólico de representação da nação” (2008, p. 12) e de precipitar movimentos nacionalistas.

Tais leituras ecoam em episódios recentes, dentre eles alguns ligados à Copa do Mundo 2018, que têm demonstrado tentativa de afirmação de identidades nacionais, bem como uma ascensão de valores nacionalistas. Tais episódios – como o crescimento da xenofobia e da direita conservadora de discurso patriótico – se dão, no entanto, em um contexto da globalização (HALL, 2005; MASSEY, 2008) e de nova des-ordem mundial (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006),

diferentemente do nacionalismo moderno. Para Hall (2005), a atual emergência do discurso nacionalista é uma resposta à globalização.

Emprestando o conceito de Anderson (2008), Giulianotti (2002) atribui ao futebol, através das seleções nacionais, a condição de uma *nova* possibilidade de unificar povos em uma *comunidade imaginada*. Tal construção discursiva e simbólica é capaz de produzir multiterritorialidades em diferentes escalas (HAESBAERT, 2004), tanto promovendo o hibridismo cultural quanto reforçando identidades socioterritoriais (HAESBAERT; PORTO-GOLÇALVES, 2006), estas últimas nosso objeto de discussão.

Estas identidades socioterritoriais são construídas em outras escalas, além da nacional, como a local. Hall (2005) aponta que uma das consequências da globalização é reforçar identidades nacionais e locais como forma de resistência. Tais identidades locais podem se expressar como comunitarismos, que, assim como o nacionalismo, têm natureza excludente e é construído sobre a crença de que a participação do indivíduo na comunidade em questão é inexorável (BAUMAN, 2016). No entanto, diferente da identidade nacional, o comunitarismo parece constantemente em xeque, pois muitas vezes não há instituições – tais como o Estado-nacional – que o legitime. Isto faz com que, em vários casos, o comunitarismo acabe questionando a (atual) divisão dos Estados-nacionais e algumas manifestações de identidade nacional.

É importante pontuar que as resistências identitárias nacionais e/ou locais (comunitárias) estão fortemente relacionadas com os avanços tecnológicos (BAUMAN, 2016) e podem estar articuladas a identidades híbridas próprias ao processo de multiterritorialização (HAESBAERT, 2004). Organizamos a análise em três pontos: (1) o uso do futebol como instrumento de (re)afirmação nacional; (2) a utilização da Copa do Mundo para reforçar comunidades excludentes; e (3) a construção e desconstrução da noção do estrangeiro através do futebol e das seleções nacionais. A análise parte do pressuposto que os conflitos não são necessariamente promovidos pelo nacionalismo esportivo *per se*, mas que estes são manifestações do nacionalismo no sentido mais amplo (TAMBURRINI, 2001).

A luta pela (re)afirmação nacional

Se, na leitura de Toledo (2002), o futebol é um símbolo flutuante por não produzir consensos e não ser um construtor automático de identidades, o fato é que

historicamente foi utilizado politicamente por diferentes regimes de diferentes países, tendo o nacionalismo como o ponto comum (AGOSTINO, 2002; FRANCO JÚNIOR, 2007; 2017).

Bauman (2016) faz uma distinção entre nacionalismo e patriotismo. Baseado na etnicidade (naturalização da história) e na lealdade ao Estado-nação (de etnicidade única), o nacionalismo é visto pelo autor como algo negativo por se fundamentar na exclusão e promover o ódio ao outro (BAUMAN, 2016). Apesar de ao patriotismo ser atribuído um caráter mais tolerante com o diferente e de hospitalidade com as minorias, Bauman (2016) vê nas manifestações patrióticas justamente um indício de negação destes valores.

Na Copa do Mundo, é comum a pululação de símbolos nacionais (bandeiras, cores, hinos, cânticos, heróis, totens, etc.), o que reforça a ideia do orgulho nacional – base do nacionalismo. Entretanto, é importante ressaltar que nem toda manifestação dos torcedores (empunhando uma bandeira, por exemplo) é uma demonstração de nacionalismo. Também pode ser interpretada como uma demonstração da celebração do estar junto (MAFFESOLI, 2014). Por exemplo, um espanhol e um português enrolados em suas bandeiras nacionais e abraçados no estádio tem um efeito de sentido gregário mais forte do que um espanhol e um português abraçados no estádio sem utilizar nenhum símbolo nacional. Neste caso, o símbolo nacional é mais um sinal de globalismo do que de nacionalismo. No entanto, também há várias manifestações nacionalistas (ou, ao menos, patrióticas) em copas do mundo – na perspectiva de provar a superioridade em relação ao *outro* ou de reafirmar o poder do Estado-nação na comunidade internacional.

Provavelmente, a manifestação de orgulho nacional mais marcante da Copa do Mundo 2018 foi por parte da presidente croata Kolinda Grabar-Kitarovic. Ela se tornou uma das personagens mais emblemáticas da Copa por ir aos jogos da Croácia com a camisa quadriculada da seleção e por assistir às partidas misturada com torcedores comuns (apesar de ter frequentado também as tribunas de honra). Além disto, seu jeito espontâneo e as declarações de que estava pagando sua viagem com seu próprio dinheiro ajudaram que a imprensa construísse uma imagem favorável da dela, contribuindo para gerar uma espécie de idolatria da política croata nas redes sociais (GAÚCHAZH, 2018b; SOL, 2018). Grabar-Kitarovic se tornou, por cerca de um mês, um modelo de política, de patriota (fundindo sua imagem com a da seleção e com a do próprio país) e de mulher. Em um esquema de construção

muito parecido com o do mito moderno, baseado nos cultos à pátria e ao herói (CASSIRER, 2003), a presidente croata foi capaz de construir uma aura mítica em torno de sua imagem de líder popular e patriota. Em relação ao mito moderno, a diferença desta montagem mitológica é sua instantaneidade e efemeridade (BAUMAN, 2016) (pelo menos em escala global), de lógica do instante eterno (MAFFESOLI, 2004) de uma partida ou de, no máximo, uma Copa do Mundo⁸.

Este patriotismo croata tem parte de sua explicação na fundação recente do Estado-nação da Croácia (1991), que passou a ter sua Seleção como catalisador do orgulho nacional. O time de 1998, terceiro colocado na Copa do Mundo da França, inaugurou uma tradição de sucesso em competições internacionais, fortemente relacionado com a identidade nacional (e o nacionalismo derivado), bem como ligado à própria ideia de reconhecimento internacional da Croácia

Durante a Copa do Mundo de 1998, a Croácia conseguiu, graças à sua seleção, fazer-nos esquecer de seu papel na guerra na ex-Iugoslávia e da natureza antidemocrática de seu regime. Graças ao futebol, ela desempenhou o papel de um pequeno país desafiando corajosamente os grandes, de um país que acabava de passar por difícil nascimento através de uma guerra, mas já se destacava no cenário mundial. (BONIFACE, 1998, p. 96, tradução nossa)⁹.

Em 2018, com o inédito vice-campeonato, o simbolismo da Seleção croata foi reforçado, havendo episódios que demonstraram a capitalização desse sucesso com o intuito de propagação de ideias políticas de ordem (ultra)nacionalista. Durante a Copa vieram à tona três episódios: (1) a exposição de uma fotografia, tirada em 2015, da presidente Grabar-Kitarovic com membros do movimento fascista Ustache, defensor do *croatismo*, segurando sua respectiva bandeira (também vieram à tona algumas declarações anti-imigração da presidente) (ESTADÃO, 2018); (2) um vídeo do zagueiro Dejan Lovren, depois da vitória contra a Argentina, cantando versos da música *Bojna Cavoglave* que começa com um grito de guerra usado pela Ustache (CARTACAPITAL, 2018b); (3) outro vídeo do zagueiro Domagoj Vida, depois de a Croácia eliminar a Rússia, bradando, em ucraniano, “Glória à Ucrânia” e, em croata, “Belgrado pegando fogo” (o jogador explicou que tratava uma homenagem à Ucrânia, onde havia jogado no Dínamo de Kiev) (CARTACAPITAL, 2018b). O vídeo

⁸ Grabar-Kitarovic cumpriu seu mandato de presidente da Croácia em 2020, ano em que se tornou representante do país no Comitê Olímpico Internacional. Sua fama global, a se medir pela presença no noticiário, se esgotou ao final da Copa do Mundo.

⁹ However, during the 1998 World Cup, Croatia was able, thanks to its football team, to make us forget its role in the war in former Yugoslavia and the rather undemocratic nature of its regime. Thanks to football, it played the role of a small country bravely defying big countries, of a country barely on its feet after a difficult birth from war and already at the front of the world stage (BONIFACE, 1998, p. 96).

desagradou os russos e ganhou repercussão positiva na direita ucraniana, reativando tensões da disputa pela Crimeia¹⁰. A provocação aos vizinhos sérvios teve menos repercussão, mas trouxe à tona o nacionalismo croata contra o nacionalismo sérvio. Tal visibilidade das causas políticas nacionalistas apontadas ocorreu justamente pelo alcance midiático e simbólico da Copa do Mundo e pelo sucesso futebolístico da Croácia, tendo os referidos atores socioespaciais demonstrado capacidade de converter, a partir de uma leitura de Bourdieu (1983) o capital esportivo conquistado em capital político.

A Sérvia também esteve envolvida na partida com as maiores repercussões políticas e com as mais intensas manifestações nacionalistas, contra a Suíça. A Seleção suíça contava com vários atletas nascidos em outros países em seu plantel, incluindo três kosovares de etnia albanesa (predominante em Kosovo, que declarou independência da Sérvia, mas ainda sem reconhecimento de toda comunidade internacional). No jogo entre Sérvia e Suíça, dois destes jogadores, Granit Xhaka e Xherdan Shaqiri, marcaram os dois gols da vitória suíça. Na comemoração, ambos fizeram um gesto que remetia à águia de duas cabeças, símbolo da Albânia (mãos espalmadas, com as palmas viradas para o peito, com os dedos abertos e unidas pelos dedões, que formavam as duas cabeças da águia). O gesto era uma clara manifestação pela causa da independência de Kosovo (Shaqiri tinha ainda a bandeira de Kosovo estampada em uma de suas chuteiras) e em prol do *albanismo* e, conseqüentemente, uma afronta aos sérvios, que clamam pela soberania do território de Kosovo, de maioria albanesa. A repercussão na Sérvia foi intensa e, obviamente, negativa (ELPAÍS, 2018).

A multa dada aos dois jogadores pela Fifa – por realizar manifestação política – foi paga por kosovares que arrecadaram a quantia e repassaram aos atletas, demonstrando pleno apoio aos suíços-albaneses-kosovares. Antes deste mesmo jogo, o atacante sérvio Aleksandar Mitrovic (que também marcou um gol na partida) havia questionado por que os três jogadores suíços não jogavam por Kosovo. Xhaka chegou a respondê-lo publicamente alegando que se tratava de uma regra da Fifa (que não permite que um jogador dispute partidas oficiais por uma segunda seleção), mas que continuaria lutando para poder representar Kosovo (seu irmão, Taulant Xhaka joga pela seleção albanesa) (GLOBOESPORTE, 2018k). O técnico

¹⁰ Na época, já existia importante tensão entre Rússia e Ucrânia devido à anexação russa da Crimeia, que foi um dos fatores que contribuíram para a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022.

da seleção suíça, o bósnio-croata Vladimir Petkovic afirmou que “não devia misturar política com futebol” (GLOBOESPORTE, 2018k). Curiosamente, neste mesmo jogo, a Federação Sérvia foi multada depois que torcedores foram flagrados e denunciados por uma jornalista bósnia por estarem vestindo moletoms com o rosto de Ratko Mladic estampado, um genocida condenado por ter matado oito mil muçulmanos bósnios no Massacre de Srebrenica, em 1995 (GLOBOESPORTE, 2018h).

Neste caso, o futebol foi simplesmente um pano de fundo dos conflitos étnicos da ex-Iugoslávia (CARVALHO, 2012). Curiosamente, a ideia do futebol como metáfora de guerra (simulada e regrada) entre dois países (FRANCO JÚNIOR, 2007) se realizou na Copa do Mundo, tendo como vetor um país que tradicionalmente se posiciona geopoliticamente de maneira neutra, a Suíça. Em um mundo de constantes (des)(re)multiterritorializações, entre os três jogadores suíços-kosovares-albaneses se forma “um estar junto de pura semelhança; do tipo ‘nós que somos todos os mesmos’” (BAUMAN, 2016, p. 127). Este tipo de comunidade coloca em xeque o próprio nacionalismo esportivo (TAMBURRINI, 2001) por construir identificações abaixo (identidade kosovar, por desterritorializados) e acima (*pan-albanismo*) da escala do Estado-nacional. Além disso, ajuda a reforçar que as questões geopolíticas, no mundo atual, precisam ser tratadas de forma multiescalar e multidimensional.

(Des)Construção de comunidades

Na perspectiva de Anderson (2008), as nações são comunidades imaginadas, baseadas na tradição e na naturalização das identidades e cultura nacionais. Mesmo assim, Hall (2005) reconhece a importância da identidade nacional no processo de identificação do sujeito. Bauman (2016, p. 212) compartilha a visão dos dois autores e compreende a nação como o único caso de comunidades “postuladas”, sendo “mais projetos que realidades” que pode ser considerado um sucesso na modernidade. Sendo assim, há vários outros projetos de comunidades – cuja análise é cara à geopolítica – que não se efetivaram ou se constituíram parcialmente, seja por problemas de ordem interna (fragilidade dos elementos de agregação), seja por resistência de outras comunidades (sobretudo das nacionais). Uma destas comunidades, apesar de sua coesão interna (ILYASOV, 2018), em escala subnacional e de caráter excludente (BAUMAN, 2016), é a Chechênia.

Algumas seleções escolheram se basear em Grozny, capital da Chechênia – república da Federação Russa que tem maioria muçulmana e já tentou duas vezes se separar da Rússia. O evento foi aproveitado pelo presidente checheno Ramzan Kadyrov para alavancar sua imagem. Apesar de ter guerreado contra a Rússia na Primeira Guerra da Chechênia, o governante, no cargo desde 2009, com anuência de Moscou (a que jura lealdade), é conhecido por sua ligação com o futebol e por promover eventos, nos quais aproveita para aparecer ao lado de celebridades globais. Durante a Copa, um destes eventos foi um jantar com a delegação egípcia, no qual entregou o título de cidadão honorário ao jogador Mohamed Salah e posou para fotos ao lado do ídolo internacional. O atleta teria se irritado com o uso político de sua imagem e ameaçado deixar a Seleção (GLOBOESPORTE, 2018e).

O uso político de imagem de jogadores de futebol não é propriamente uma novidade, mas o episódio é interessante por alguns aspectos: (1) Salah não é um jogador comum (além de ser um ídolo mundial e um dos principais jogadores da atualidade, o egípcio é provavelmente a maior celebridade esportiva muçulmana); (2) Kadyrov, politicamente ligado a Putin, tem buscado construir uma nova ideologia pró-Rússia na Chechênia e tem utilizado como importantes elementos discursivos: o islamismo, o esporte e as relações públicas governamentais (AVEDISSIAN, 2016); (3) o governo checheno é acusado de violação de direitos humanos, além de reprimir manifestações comunitaristas de caráter separatista (ILIYASOV, 2018), sendo a vinculação da imagem de Kadyrov com celebridades esportivas e/ou islâmicas uma possível forma de encobrir estas violações e melhorar sua imagem; (4) e a Chechênia é uma destas comunidades que, apesar da forte identificação interna (de cunho nacionalista), não conseguiram, por resistência russa, conquistar soberania (inclusive futebolística).

O episódio Kadyrov-Salah pode indicar duas formas de comunitarismo, como aponta Bauman (2016) a partir de uma leitura de Lévi-Strauss: antropofágica, em que os diferentes/estrangeiros são devorados/incorporados; ou antropeômica, em que o diferente/estrangeiro é expelido por não ser digno de ser *nós*. O episódio pode demonstrar o comunitarismo antropofágico porque a fidelidade de Kadyrov a Putin (a quem sua imagem está fortemente vinculada) faz com que as aparições do político checheno demonstrem simbolicamente a consolidação do poder não-checheno, neste caso, russo na república outrora separatista. Sob este ponto de vista, a Chechênia é *engolida* pela Rússia, pois mesmo que a identidade étnica chechena

esteja preservada, as manifestações populares se arrefeceram graças às repressões do governo Kadyrov (ILIYASOV, 2018). No entanto, o episódio pode expressar o comunitarismo antropeômico, em que os russos cristãos são *cuspídos* pela comunidade chechena muçulmana (expressando até um globalismo islâmico) aglutinada em torno da imagem de Kadyrov, reforçando o atributo excludente das comunidades, que se baseiam na ideia da oposição entre *nós* e *eles* (BAUMAN, 2016).

Além disso, o exemplo checheno demonstra como o processo de identificação se tornou ainda mais multiescalar na globalização, reforçando identidades socioterritoriais (HAESBAERT; PORTO-GOLÇALVES, 2006) ou identidades locais como formas de resistência (HALL, 2005), bem como promovendo o hibridismo cultural (HALL, 2005; HAESBAERT; PORTO-GOLÇALVES, 2006). Os chechenos são *de jure* russos, mas *de facto*, a despeito da política identitária de Kadyrov, tendem a se identificar mais como chechenos, ou seja, o comunitarismo local supera a identificação em escala nacional (ILIYASOV, 2018). No entanto, a construção do comunitarismo local lança mão de um elemento de identificação em escala global, que é o islamismo, comunidade na qual Salah, um jogador egípcio, provavelmente, é um ídolo/referência maior do que figuras locais ou nacionais.

O estrangeiro: entre *nós* e *eles*

O Estado-nacional, portador da prerrogativa do nacionalismo, tem como razão de ser a separação e a distinção entre *nós* e *eles* (BAUMAN, 2005). Estas duas categorias se constroem a partir da ideia do *estrangeiro*. Na pós-modernidade, ser estrangeiro ganhou nova dimensão, sobretudo pelos intensos fluxos populacionais no mundo todo e pela criação de uma cultura global, acompanhada por respostas de resistência locais e por identidades híbridas (HALL, 2005). As sociedades multiculturais, que já existiam, ganharam nova dimensão depois da Segunda Guerra Mundial, se intensificando e sofrendo modificações a partir das lutas pela descolonização e pela independência (sobretudo na África e na Ásia), do fim da Guerra Fria (e a dissolução do bloco e de países socialistas) e da globalização (HALL, 2008).

Entretanto, em tempos de hibridismo cultural, as fronteiras entre *nós* e *eles* foram borradas e atributos identitários modernos e fixos – como religião, nacionalidade e etnia – ganham nova dimensão quando confrontados com

estruturações identitárias de ordem local e/ou global (como vimos no caso checheno). Com os irrefreáveis “fluxos não regulados de povos e culturas” (HALL, 2008, p. 43), o estrangeiro, o diferente passou a ser parte do próprio *nós* e o pertencimento cultural passou a se dar pelo “jogo da semelhança e da diferença” (HALL, 2008, p. 45). Isto possui implicações territoriais, demandando interpretações do território em uma perspectiva integradora (HAESBASERT, 2004).

Como o futebol é um elemento, ao mesmo tempo, global e nacional (e local, no caso dos clubes), ele tem papel importante neste jogo de semelhança e da diferença, ou seja, na construção de territorialidades. A imagem do estrangeiro no futebol depende da seleção em questão, da origem/atributos do estrangeiro (aqui como *outro*, o não *nós*) e, às vezes, principalmente, dos resultados. Neste sentido, a frase de Romelu Lukaku, um dos destaques da Bélgica na Copa 2018, é simbólica: “Quando as coisas vão bem, eles me chamam de atacante belga. Quando não correm bem, sou o atacante belga descendente de congoleses” (CARTACAPITAL, 2018a). Guedes (2014, p. 65) aponta que “nas situações de derrota, ser ‘estrangeiro’ assume plenas dimensões acusatórias. O ‘estrangeiro’ é o *outro*, é o que não se irmana com nossos valores e ideais”.

Independente da ligação deste com o país, o estrangeiro só joga pela seleção porque tem capital esportivo a oferecer e só aceita representar o país porque compartilha semelhanças culturais-identitárias com seus pares. Na Copa do Mundo, o estrangeiro comumente fica entre o *nós* e *eles*, porque ele joga por um país (é igualado aos companheiros simbolicamente, por exemplo, pelo uniforme e pela busca pela vitória), mas ele é visto como diferente daqueles que constituem a ideia homogênea de nação (por característica física, religião, origem, etc.). Quando passa despercebido ou tem grande contribuição para a vitória – como o caso de Zinedine Zidane e outros companheiros *estrangeiros* campeões mundiais pela França em 1998 (ver BAUMAN, 2015) – o *estrangeiro* não é um estrangeiro, mas sim parte do *nós*. No entanto, quando os resultados não aparecem, tem grande chance de ser responsabilizado.

A culpabilização do estrangeiro por resultados negativos tem alguns exemplos interessantes na Copa do Mundo 2018, como o caso do meia sueco Jimmy Durmaz, filho de turcos, que foi hostilizado nas redes sociais depois de ter feito a falta que originou o gol da virada alemã contra a Suécia. O jogador foi chamado de “imigrante de merda” e “homem-bomba” (GLOBOESPORTE, 2018b). Mas, o caso com maior

repercussão foi o de Mesut Özil. Também muçulmano de origem turca (terceira geração de uma família turco-alemã e criado na Alemanha), o meia da seleção alemã – campeão da Copa 2014 e terceiro colocado na Copa 2010, em que virou um dos símbolos da nova geração da multicultural seleção alemã, cheia de jogadores de diversas origens (ver CARVALHO, 2012) – sofreu fortes críticas por ter tirado, antes da Copa, uma foto, juntamente ao seu colega de seleção Ilkay Gündogan (também de ascendência turca), com o presidente da Turquia Recep Tayyip Erdogan.

O partido Alternativa para Alemanha – de pauta anti-imigração e xenófoba – pediu a desconvocação dos dois jogadores, alegando que havia “jogadores nativos que têm orgulho de seu país” e que deveriam “liberar duas vagas na seleção para jogadores que não prestam mais homenagem ao presidente turco do que à pátria alemã” (REUTERS, 2018). A declaração encontrou ressonância em setores da sociedade alemã, inclusive no mundo esportivo. As más atuações fizeram que Özil ficasse no banco no último jogo da primeira fase, em que a Alemanha foi eliminada. Depois da eliminação, o jogador foi acusado de falta de vontade e criticado por dirigentes e referências do futebol alemão, mas, por outro lado, foi defendido por Erdogan e lideranças turcas (NEXO, 2018). Esta postura de ordem antropológica (BAUMAN, 2016) perante o estrangeiro ajuda a demonstrar, nas palavras de Hall (2008, p. 45) “um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado”, o que o autor chama de “‘fundamentalismo’ de impulso racial”, que emergiu em sociedades da Europa Ocidental. Trata-se uma negação das novas geometrias espaciais de poder da globalização e do princípio da construção do espaço como “esfera da possibilidade da existência da multiplicidade” (MASSEY, 2008, p. 27) e da negação do direito/princípio da multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004) e das identidades híbridas (HALL, 2005).

Incomodado com a situação, o jogador de 29 anos anunciou sua aposentadoria da seleção alemã cerca de um mês depois da Copa, alegando ter sofrido racismo e de não ter sido respeitado pela Federação Alemã de Futebol. Segundo Özil, houve perseguição e discriminação devido à sua ascendência turca e ao fato de ter defendido publicamente a imigração e o multiculturalismo (GLOBOESPORTE, 2018g). Em seu comunicado de aposentadoria, o jogador atacou o presidente da Federação, dizendo que quando este era membro do parlamento alemão havia afirmado que “o multiculturalismo é na verdade um mito,

uma mentira duradoura” (GLOBOESPORTE, 2018g). Özil ainda alegou que a foto com Erdogan “não tem a ver com política ou eleições, mas com respeito que tenho ao mais alto cargo do país de minha família” e que “faria a foto novamente” (GLOBOESPORTE, 2018g).

O caso de Özil é expressão do processo de multiterritorialidade, já que se identifica como alemão (local de nascimento e país que representava como jogador), mas mantém laços com a Turquia, onde nunca morou (“país da minha família”). A família de Özil é um dos casos da diáspora (HALL, 2008) turca, da construção de uma (nova) cultura turca fora da Turquia, fundamentada no hibridismo com a cultura alemã e global. A demanda por mão de obra na Alemanha fez com que, desde a década de 1960, se criasse um intenso fluxo migratório de turcos, que, apesar de representarem a segunda maior etnia no país, não se sentem completamente integrados (54% relataram situações de discriminação) (DW, 2018). Özil provavelmente canalizou esta discriminação, uma vez que “a disputa, no espectro do esporte espetáculo, é sempre entre ‘alguém que me representa’ (portanto, um outro) contra ‘aquele que representa o outro’” (DAMO, 2014, p. 26-27) e um jogador turco deixou de *me* representar para setores da sociedade alemã.

Por outro lado, os *estrangeiros* franceses ajudaram sua seleção a vencer a Copa, reforçando o ideal da França *black-blanc-beur*. Em uma primeira leitura, a diferença entre a receptividade dos *estrangeiros* (como *outsiders*, no caso da repercussão alemã, e como *nós*, no caso da conquista francesa) pode ser atribuída a determinadas características dos países em questão. Mas o principal fator na construção da figura do jogador-estrangeiro é o resultado esportivo. Na França, a situação dos imigrantes – sobretudo do grande contingente de africanos – é bastante delicada (BAUMAN, 2016), enquanto, nas últimas Copas, a Alemanha se notabilizou pela construção da imagem de um novo país, mais tolerante e multicultural (CARVALHO, 2012).

Uma pesquisa realizada na França apontou que 63% dos entrevistados acham que havia “imigrantes demais na França” (GLOBOESPORTE, 2018a). Tais opiniões corroboram discursos de políticos da direita francesa, como Jean-Marie Le Pen – que, em 2006, avaliou que “a França não se reconhece nesta equipe” e que “talvez, o técnico tenha exagerado na proporção de jogadores de cor” (FOLHA, 2006) – e sua filha Marine Le Pen – que, em 2013, declarou que “há uma enorme ru[p]tura entre a população francesa e a seleção”, que é “uma espécie de quadrilha

de rapazes rebeldes mal-educados que não têm nenhum orgulho nacional e só representam a França pelo dinheiro” (DIÁRIO, 2013). Em ambas as ocasiões, os *estrangeiros* tiveram papel fundamental no (relativo) sucesso da seleção: em 2006 para o vice-campeonato mundial e, em 2013, para a classificação para a Copa 2014. Alguns dos “rapazes rebeldes mal-educados” estavam no time que conquistou a Copa do Mundo 2018 e foram celebrados publicamente por Marine Le Pen depois do triunfo.

Mesmo que a França tivesse apenas um jogador nascido fora do país, Samuel Umtiti (nascido em Camarões), eram 14 filhos e/ou netos de imigrantes africanos (portanto, *blacks* ou *beurs*) das mais diversas origens. Muitos destes jogadores possuem duas nacionalidades e foram convidados a jogar pelas seleções dos países de seus pais. Rejeitaram para representar a França. Mesmo assim, diferentemente dos *estrangeiros blancs* (como Antoine Griezman e Lucas Hernández, que nunca jogaram por um clube francês) os *black* e os *beurs* continuaram estigmatizados como *outsiders*, os *outros*, os *não nós* por alguns setores da sociedade francesa. Um caso emblemático de repercussão deste estrangeirismo foi protagonizado por Benjamin Mendy. O jornal esportivo francês *Sport* quis enfatizar e celebrar a multiculturalidade da seleção campeã, postando no Twitter o nome dos jogadores ao lado das bandeiras de seus países de origem seguidos pela frase “todos juntos como um só pela França” (GLOBOESPORTE, 2018f). Mendy respondeu o *post* trocando todas as bandeiras ao lado do nome dos jogadores (inclusive do seu) por bandeiras da França e um *emoji* piscando e a palavra “consertado”. O jornal respondeu trocando as bandeiras por taças. Este caso demonstra um processo de construção de comunidade antropofágica (BAUMAN, 2016) por alguns setores da sociedade francesa e que o processo de identificação se dá por (re)construção constante de territorialidades em diversas escalas tanto para o indivíduo/sujeito (que, neste caso, não negou sua origem senegalesa, nem quis desmerecer a ascendência de seus colegas; mas se reafirmou como francês), quanto perante os outros (neste caso, a resposta não foi ao jornal em si, mas uma provocação de reflexão sobre a relação entre a multiculturalidade e a nacionalidade).

Considerações Finais

As relações possíveis entre geopolítica e futebol são inúmeras. Neste artigo, buscamos apresentar uma discussão sobre estas relações, enfatizando a construção de identidades nacionais ou comunitárias (e/ou discursos e representações relacionadas), a partir eventos da Copa do Mundo de 2018. Os episódios discutidos, apesar de bastante relevantes, apenas arranham a complexidade do tema. Entretanto, trazem importantes reflexões sobre relações entre o futebol e conceitos como identidade, nacionalismo, território, territorialidades, entre outros.

Se o futebol não é mero reflexo da sociedade, mas uma parte desta (ALABARCES, 2000), ele também pode ser visto, em uma perspectiva *lefebvriana*, como produtor de espaço, além de importante fator de dominação e apropriação do mesmo. Sua lógica territorial é inegável.

É provável que o futebol seja uma das poucas manifestações culturais globais, no contexto da nova des-ordem mundial, que mantém tão fortemente uma lógica territorial fundamentada nos limites dos Estados-nacionais. Tal lógica é capaz de reforçar nacionalismos/patriotismos, como o caso da Croácia, mas também pode evidenciar os problemas de integração nacional, como o caso das críticas a Özil. Esta mesma lógica territorial convive com a emergência do hibridismo cultural e com as multiterritorialidades constituídas a partir de diferentes escalas. Estas multiterritorialidades podem ser vistas no uso político da figura de Salah pelo governo checheno (articulando estruturas identitárias locais e globais), mas também na construção discursiva sobre o *estrangeiro* no futebol, que demonstra que questões de identidade futebolística estão conectadas a questões identitárias mais amplas (como o *ser francês*, o *ser africano*, o *ser estrangeiro*, entre outras, por mais que esta última condição possa ser efêmera e intercambiante, dependendo também do resultado esportivo).

Procuramos demonstrar que estudar as relações entre futebol e geopolítica não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade para compreendermos as espacialidades do mundo atual. Neste sentido, reconhecemos que seria fundamental ampliar estas discussões, por exemplo, realizando-se uma análise das identidades em escala global produzidas pela Copa do Mundo 2018, as quais, certamente, se articulam com as identidades nacionais (as negando, confirmando ou questionando)

e locais/comunitárias. Outros (mega)eventos futebolísticos – como as demais copas, campeonatos nacionais e continentais – também devem ser investigados em seus mais diversos aspectos, tais como relações geopolíticas que são geradas ou potencializadas por eles; atores envolvidos (e, eventualmente, excluídos) e quais seus papéis; manifestações de relações territoriais e de poder (inclusive simbólico); produção e circulação de discursos e representações sobre o espaço em diferentes escalas.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo. Introducción. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedade en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ALVARADO, Xavier Brito; CASTRO, Santiago Vayas. Geopolítica del fútbol: sobre la globalización del balón. **ACADEMO Revista de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades**. v. 9, n. 1. jan-jun. 2022. p. 103-112

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AVEDISSIAN, Karena. Clerics, Weightlifters, and Politicians: Ramzan Kadyrov's Instagram as an Official Project of Chechen Memory and Identity Production. **Caucasus Survey**. 4, no. 1. jan., 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

BONIFACE, Pascal. El fútbol, fenómeno global por excelencia. **Vanguardia dossier: el poder del fútbol**. Barcelona, v. 20, p. 6-14, jul-set, 2006.

BONIFACE, Pascal. Football as a factor (and a reflection) of international politics. **The International Spectator: Italian Journal of International Affairs**. 33 (4), 1998. p. 87-98.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANNAGAN, Paul Michael; ROOKWOOD, Joel. Sports mega-events, soft power and soft disempowerment: international supporters' perspectives on Qatar's acquisition of the 2022 FIFA World Cup finals. **International Journal of Sport Policy and Politics**. v. 8, n.2, 2016. p. 173-188.

CARVALHO, José Eduardo de. **Geopolítica**. São Paulo SESI-SP Editora, 2012.

CASSIRER, Ernst. **O mito do estado**. São Paulo: Códex, 2003.

CASTRO, Adreia Soares e. The 2018 FIFA World Cup: The Gains and Constraints of Russia's Soft Power of Attraction Through Football and Sports. **Rising Powers Quarterly**. v. 3, n. 3, 2018. p. 17-37.

CONNELL, John. Globalisation, soft power, and the rise of football in China. **Geographical Research**. v. 56, n. 1, fev. 2018. p. 5–15.

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (org.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 22-55.

DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo: esporte propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GIBBONS, Tom. English national identity and the national football team: the view of contemporary English fans. **Soccer & Society**. v. 12, n. 6, 2011. p. 865-879.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. Mapping the global football field: a sociological model of transnational forces within the world game. **The British Journal of Sociology**. v. 63, n. 2, 2012. p. 216-240.

GOMES, Paula César da Costa. **A condição urbana: ensaios sobre geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. A dádiva e os diálogos identitários através das copas do mundo no Brasil. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (org.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 56-69.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GOLÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ILIYASOV, Marat. Chechen ethnic identity: assessing the shift from resistance to submission. **Middle Eastern Studies**. 54(3), 2018. p. 475–493.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

POLI, Raffaele. Identidades nacionales y globalización. **Vanguardia dossier: el poder del fútbol**. Barcelona, v. 20, p. 47-50, jul-set, 2006.

SCUTTI, Giuseppe; WENDT, Jan A. Football and Geopolitics. **GeoSport for Society**. v. 5, n. 2, 2016, pp. 100-106.

SHOBE, Hunter. Place, identity and football: Catalonia, Catalanisme and Football Club Barcelona, 1899–1975. **National Identities**, v. 10, n. 3, 2008. p. 329-343.

SOJA, Edward William. **Thirdspace: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places**. Oxford: Blackwell, 1996.

SOUSA, Igor Breno Barbosa de; COSTA, Gabriel Costa da; MATTOS JUNIOR, José Sampaio de. A geografia das quatro linhas: O Futebol e a Geopolítica nas rivalidades das seleções nacionais. **Brazilian Journal of Development**. v.7, n.9, set. 2021, p. 92367-92390.

TAMBURRINI, Claudio M. **¿La mano de Dios?: una visión distinta del deporte**. Buenos Aires: Continente, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

Sites

CARTACAPITAL. **Europa nega abrigo, mas comemora gols de filhos de imigrantes**. 10 jul. 2018a. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/europa-nega-abrigo-mas-comemora-gols-dos-filhos-de-imigrantes>>. Acessado em 27 nov. 2018.

CARTACAPITAL. **Entenda por que um vídeo pró-Ucrânia levou o time da Croácia a ser acusado de apoiar o fascismo**. 12 jul. 2018b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/entenda-por-que-um-video-pro-ucrania-levou-o-time-da-croacia-a-ser-acusado-de-apoiar-o-fascismo.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

DIÁRIO de notícias. **Marine Le Pen chama quadrilha à seleção francesa**. 18 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.dn.pt/globo/europa/interior/marine-le-pen-chama-quadrilha-a-selecao-francesa-3539499.html>>. Acessado em 27 nov. 2018.

DW. **Aparência e discriminação na Alemanha**. 16 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/apar%C3%Aancia-e-discrimina%C3%A7%C3%A3o-na-alemanha/a-42167290>>. Acessado em 27 nov. 2018.

ELPAÍS. **A comemoração “política” dos suíços que irritou a Sérvia**. 23 jun. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/23/deportes/1529768574_136993.html>. Acessado em 27 nov. 2018.

ESTADÃO. **O lado sombrio da presidente croata**. 12 jul. 2018. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/as-polemicas-nacionalistas-da-presidente-da-croacia/>> Acessado em 27 nov. 2018.

FOLHA de S. Paulo. **Líder de extrema-direita francesa diz que há muitos negros na seleção**. 26 jun. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u104593.shtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GAÚCHAZH. **Torcedora uniformizada e viagens do próprio bolso: por que a presidente da Croácia faz sucesso na Copa**. 15 jul. 2018b. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/esportes/noticia/2018/07/torcedora-uniformizada-e-viagens-do-proprio-bolso-por-que-a-presidente-da-croacia-faz-sucesso-na-copa-10497850.html>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **20 anos após geração “Black-blanc-beur” de 98, questão racial ainda envolve a França.** 15 jun. 2018a. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/franca/noticia/20-anos-apos-geracao-black-blanc-beur-de-98-questao-racial-ainda-envolve-a-franca.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **Alvo de ofensas racistas, sueco lê nota de repúdio e é defendido por colegas.** 24 jun. 2018b. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/suecia/noticia/alvo-de-ofensas-sueco-le-mensagem-ao-lado-de-colegas-dane-se-o-racismo.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **Jantar com político irrita Salah, que cogita não entrar em campo contra a Arábia.** 24 jun. 2018e. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/egito/noticia/jantar-com-politico-irrita-salah-que-cogita-nao-entrar-em-campo-contra-arabia.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **Lista levanta origem multiétnica da França, mas Mendy não curte muito....** 17 jul. 2018f. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/lista-sugere-multinacionalidade-da-franca-mas-mendy-nao-curte-muito.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **Özil anuncia aposentadoria da seleção alemã por questões políticas.** 22 jul. 2018g. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-alemao/noticia/apos-foto-com-presidente-turco-ozil-fala-sobre-polemica-tiraria-de-novo.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **Possível punição à Sérvia vem de torcedores que exaltam genocida condenado.** 24 jun. 2018h. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/servia/noticia/possivel-punicao-a-servia-vem-de-torcedores-que-exaltam-genocida-condenado.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

GLOBOESPORTE. **Xhaka e Shaqiri homenageiam Kosovo e Albânia em comemorações dos gols suíços.** 22 jun. 2018k. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/suica/noticia/xhaka-e-shaqiri-fazem-comemoracao-em-referencia-a-sua-origem-kosovar.ghtml>>. Acessado em 27 nov. 2018.

NEXO. **Xenofobia e identidade: a saída de Özil da seleção alemã.** 24 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/07/24/Xenofobia-e-identidade-a-sa%C3%Adida-de-%C3%96zil-da-sele%C3%A7%C3%A3o-alem%C3%A3>>. Acessado em 27 nov. 2018.

REUTERS. **Partido alemão anti-imigrantes diz que Ozil e Gundogan deveriam deixar seleção após fotos com Erdogan.** 19 jun. 2018. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN1JF1SI-OBRWD>>. Acessado em 27 nov. 2018.

SOL. **A presidente que impressionou o mundo.** 24 jul. 2018. Disponível em: <<https://sol.sapo.pt/artigo/620181/a-presidente-que-impressionou-o-mundo>>. Acessado em 27 nov. 2018.

VALOR. **Futebol movimenta o equivalente ao PIB da Finlândia, diz presidente da Fifa.** 27 set. 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/09/27/futebol-movimenta-o-equivalente-ao-pib-da-finlandia-diz-presidente-da-fifa.ghtml>>. Acessado em 15 fev. 2023.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Fernando Rossetto Gallego Campos – Concepção. Coleta de dados, Análise de dados, Elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 28-06-2022

Aprovado em: 22-03-2023